

ESCRITA NO VESTIBULAR: QUANDO O SUJEITO (DES)APARECE *

Cristiane Carvalho de Paula BRITO

RESUMO *Este trabalho, fundamentado no dialogismo bakhtiniano e nos referenciais teóricos da Análise do Discurso, de linha francesa, tem o objetivo de analisar dissertações de candidatos ao Vestibular da Unicamp (1999), a fim de evidenciar como a subjetividade se constitui ao longo do texto. A subjetividade nas redações será analisada por meio de três categorias: 1. **posicionamento** – que nos permitirá evidenciar os recursos utilizados pelo sujeito ao se posicionar em relação ao tema (ou questões com este envolvidas) proposto para a dissertação; 2. **retextualização** – em que evidenciaremos os recursos utilizados pelo sujeito ao se relacionar com os trechos de textos apresentados na prova; e 3. **estilo** – que investigará o trabalho do sujeito com os aspectos meramente lingüísticos.*

Por fim, pode-se dizer que esta pesquisa pretende, de forma mais ampla, problematizar o ensino de escrita na escola, a partir de uma visão que considera a multiplicidade dos sentidos como fundamental em qualquer trabalho com a linguagem

ABSTRACT *This work, based on the bakhtinian dialogism and on the principles of French Discourse Analyzes theory, aims to analyze essays of candidates to the University entrance's examination for Unicamp (1999), on the purpose of evidencing how subjectivity is constituted along the text. The subjectivity in the essays will be analyzed through three categories: 1. **positioning** – which will enable us to evidence the means used by the candidate when discussing the theme (or matters related to it) proposed to write the essay; 2. **retextualization** – which will enable us to evidence the means used by the candidate to relate with the texts presented in the examination; and 3. **style** – which will investigate the candidate's work with linguistic aspects.*

Finally, we can say that this research intends, in a greater extension, to think about the teaching of writing in school, starting from a vision that considers the multiplicity of sense as fundamental in any work dealing with language.

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentado ao Curso de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 18 de fevereiro de 2004, orientada pela Profa. Dra. Maria Augusta Bastos de Mattos.

INTRODUÇÃO

Inúmeros trabalhos, de linhas metodológicas distintas, têm demonstrado a concepção homogeneizante de escrita na escola¹. No ambiente escolar, observa-se, de forma geral, que a escrita não é mais que um, dentre os vários exercícios feitos para a escola. Em outras palavras, escreve-se por escrever, para cumprir mais uma tarefa prescrita pelo manual. De fato, nota-se, nos livros didáticos destinados ao ensino da escrita, uma concepção transparente de linguagem, como se dado um certo material verbal o sentido fosse óbvio por si só².

Além disso, a linguagem aparece como algo exterior ao próprio sujeito: um produto a ser apropriado por este. No caso da escrita, isso é observado na expectativa do livro de que o aluno estaria pronto para produzir um texto após terem lhe sido apresentadas as regras, enfim, a estrutura do mesmo.

Assim, pode-se dizer que, dentro deste “universo de homogeneização” a que se submete a escrita na escola, a linha que separa a produção de um texto da mera reprodução de formas e lugares-comuns é tênue.

E, neste sentido, observar como um aluno – ou um candidato ao Vestibular – se coloca como sujeito daquilo que escreve, e não como mero redator, é um desafio. Este desafio se tornou a seguinte pergunta de pesquisa: *como é constituída a subjetividade em dissertações de vestibulandos?*

O nosso interesse foi o de investigar a forma com que os candidatos ao Vestibular se colocam como sujeitos de sua escrita, no intuito de fazer desta um espaço de construção de sentidos. Assim, estabelecemos o seguinte objetivo para este trabalho: **analisar dissertações de candidatos ao Vestibular da Unicamp (1999), a fim de evidenciar como a subjetividade se constitui ao longo do texto.**

Vale ressaltar que a escolha do texto dissertativo explica-se pelo fato deste tipo de texto requerer um maior uso de recursos argumentativos, elevando, assim a chance da retomada dos lugares-comuns, dos clichês etc, que, por sua vez, tendem a contribuir para a não constituição da subjetividade. O que tornou talvez o trabalho mais “arriscado”, porém, ao mesmo tempo, mais interessante: a tentativa de encontrar o diferente no mesmo; o “eu” no “outro”, ou o “outro” no “eu”.

As análises desenvolvidas se fundamentaram no dialogismo bakhtiniano e nos referenciais teóricos da Análise do Discurso francesa (AD), sendo que esta segunda opção se deve ao fato de a AD ser, mais que um método de análise, uma “forma de conhecimento da linguagem”. (Orlandi, 2001).

¹ Ver De Lemos (1977), Pécora (1999), Kleiman (1997), Fiad (1997), Capponi (2000), Amaral (1996), Costa Val (1999), Athayde Jr (2001).

² Foram analisados, em nosso trabalho, dois livros didáticos de português para alunos do terceiro ano do Ensino Médio.

ANÁLISE DAS DISSERTAÇÕES

O *corpus* se constituiu de sessenta dissertações produzidas em todo o Vestibular da Unicamp (1999). A leitura destas dissertações nos permitiu estabelecer as categorias de análise, que serão explicitadas posteriormente.

O tema para a dissertação³ foi “500 anos de Brasil”, e o candidato deveria obrigatoriamente redigir seu texto com base em um conjunto de fragmentos, denominados Coletânea, que lhe são apresentados.

Nosso interesse maior foi o de identificar os recursos utilizados pelo sujeito a fim de construir os sentidos em seu texto. Desta forma, com base na leitura das 60 dissertações, estabelecemos três categorias – **posicionamento, retextualização e estilo** – que nos permitissem evidenciar a constituição da subjetividade, isto é, a relação do sujeito com a linguagem no processo de mobilização de certos sentidos.

As categorias foram estabelecidas por razões de análise, por nos permitirem melhor focalizar determinado aspecto da linguagem, contudo percebe-se que elas estão todas relacionadas. Vejamos cada uma delas:

Posicionamento – aqui investigamos os recursos utilizados pelo candidato ao se posicionar em relação ao tema (ou questões com este envolvidas) proposto para a dissertação. Privilegiamos aqui a presença da polifonia, isto é, a maneira pela qual o sujeito estabelece e articula outras vozes em seu texto, a fim de se posicionar em relação ao tema.

Alguns exemplos de posicionamento seriam:

1. **Uso de conhecimento enciclopédico** – este recurso não aparece apenas como uma forma de trazer à tona outras informações, mas de conferir “peso” ao que está sendo dito; trata-se do outro que reforça a idéia do mesmo:

“Voltemos ao descobrimento. Este foi realizado já no início do desenvolvimento do Sistema Capitalista, durante o denominado Mercantilismo”. (red 04).

2. **Uso de aspas** – relativizando a voz histórico-social que enuncia o descobrimento do Brasil:

“A embromação já começa em nosso “descobrimento”: o Brasil não foi “descoberto” já que os portugueses sabiam muito bem o que procuravam e onde pretendiam chegar”. (red 06).

3. **Uso de intertextualidade** – remetendo-nos, ironicamente, ao discurso poético:

“Mas – que pena! – havia uma pedra no meio do caminho...”. (red 06).

³ O candidato pode escolher entre três tipos de texto: um texto dissertativo-argumentativo (tema A); um texto narrativo (tema B); e um texto argumentativo persuasivo (tema C).

Retextualização – aqui analisamos os recursos utilizados pelo sujeito ao se relacionar com os fragmentos apresentados na prova. Interessou-nos saber como o candidato incorpora (aceitando ou rejeitando), em seu texto, os elementos do texto da prova, tendo sempre em vista a constituição de sua subjetividade. Eis alguns exemplos de retextualização:

1. **Refutação do fragmento apresentado na prova.** Com base no seguinte trecho da prova:

8. Há um Código de Defesa do Consumidor, há leis que cuidam do racismo, do direito de greve, dos crimes hediondos, do juizado de pequenas causas, do sigilo da conversação telefônica, da tortura, etc. O país cresceu. (Carvalho Filho, L. F. *Folha de S. Paulo*. 3 de outubro de 1998.)

o candidato desenvolve seu texto, marcando seu posicionamento contrário:

“Em quarto lugar, somos um povo, uma nação que tem uma enorme constituição, com numerosas leis. Porém que não fazem efeitos algum. Estão apenas no papel, dificultando também o nosso dever e direito de sermos cidadãos. Deixando para nós uma “cidadania de papel”, ou seja, só na constituição”. (red 02).

2. **Paráfrase do fragmento apresentado na prova.** O sujeito mantém a linha argumentativa do fragmento apresentado, e, neste caso, ainda marca seu posicionamento (aqui em relação à questão da posse da terra no Brasil). Assim, o seguinte trecho:

2. ... a despeito de nossa riqueza aparente, somos uma nação pobre em sua generalidade, onde a distribuição do dinheiro é viciosa, onde a posse das terras é anacrônica. Aquele anda nas mãos dos negociantes estrangeiros; estas sob o tacão de alguns senhores feudais. A grande massa da população, espoliada por dois lados, arredada do comércio e da lavoura, neste país essencialmente agrícola, como se costuma dizer, moureja por ali abatida e faminta, não tendo outra indústria em que trabalhe; pois que até os palitos e os paus de vassoura mandam-lhe vir do estrangeiro.

(...) povo educado, como um rebanho mole e automático, sob a vergasta do poder absoluto, vibrada pelos governadores, vice-reis, capitães-mores e pelos padres da companhia; povo flagelado por todas as extorsões – nunca fomos, nem somos ainda uma nação culta, livre e original. (Romero, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. 1881.)

é transformado em:

“As desigualdades sociais impregnaram nossa população de uma inércia infinita. Talvez por sempre terem existido (a posse da terra já era anacrônica no século passado!), já tenham se transformado em parte do cotidiano”. (red 07).

Estilo – aqui observamos o trabalho do sujeito com os aspectos meramente lingüísticos, isto é, os recursos e estratégias, disponíveis ao sujeito em sua língua, utilizadas na constituição de seu texto, a fim de promover a multiplicidade de sentidos. É necessário esclarecer que não compreendemos estilo como a livre escolha do sujeito, mas como “um efeito da multiplicidade dos recursos, que competem entre si a todo instante”. (Possenti, 2001:16).

Dentre os recursos encontrados nas dissertações, na categoria de estilo, podemos destacar os seguintes:

1. **Uso de enumeração**, estabelecendo uma espécie de cenário para aquilo que será comentado (no caso, as características do Brasil).

“Brasil, país dos famintos, dos massacres de cidadãos inocentes, da expoliação, da pobreza, do subdesenvolvimento econômico, do extermínio da parcela indígena de sua população...”. (red 10).

2. **Uso de repetição**, estabelecendo um jogo com a linguagem e permitindo a mobilização de diferentes efeitos de sentido:

“Mas sabe-se que foi daí que nasceram novas cores, que formaram uma nação. Nação histórica, mas repetente: senhor de engenho, latifundiário; D. Pedro I, Antônio Carlos Magalhães; Companhia das Índias, transnacionais; Império, ditadura; povo massacrado, povo massacrado”. (red 11).

3. **Uso de frases interrogativas**, a fim orientar a linha argumentativa do sujeito e estabelecer um jogo de sentidos no texto:

“Estamos próximos de comemorar 500 anos de Brasil, 500 anos desde o seu descobrimento. Descobrimos? Ou será conquista a palavra mais adequada?”. (red 03).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que a maioria das dissertações de nosso *corpus* apresenta uma constituição, diríamos mediana, de subjetividade; em outras palavras, encontramos, de forma geral, um sujeito que, na escrita, oscila entre a produção de um espaço intersubjetivo e a mera reprodução de formas e lugares-comuns.

Na categoria **Posicionamento**, prevalece uma visão pessimista do assunto. De fato, apenas uma redação apresenta uma visão mais balanceada. Neste sentido, diante de uma primeira leitura poderíamos dizer que as dissertações têm um caráter monológico. Entretanto, as análises nos permitem resgatar nos textos a emergência de outras vozes, “momentos de polifonia”, talvez se possa dizer.

Além disso, o fato de o sujeito se posicionar unicamente de forma pessimista (ou otimista) não é suficiente para considerar sua produção escrita como monológica. Na verdade, o essencial é observar **como** o sujeito tece seus argumentos no texto.

Na categoria **Retextualização** é que a constituição da subjetividade aparece com mais consistência, talvez, pelas próprias condições de produção do texto. Aqui vemos a tentativa do sujeito em tornar seu texto um espaço polifônico, através do diálogo com outros textos. Percebe-se, pois, que o “outro” é parte essencial do “eu”. Nos casos, por exemplo, em que os candidatos fogem do tema da dissertação, ainda assim são às palavras do outro que eles recorrem.

É interessante notar que as dissertações que não apresentam um diálogo explícito com a Coletânea evidenciam um uso considerável de conhecimento enciclopédico.

A categoria **Estilo**, por sua vez, demonstrou ser a de menor presença de subjetividade. De fato, o que predomina aqui é o estilo didático, que preza por uma linguagem “precisa”, “objetiva” e “impessoal” – conforme a orientação do livro didático. Há de se ressaltar que o fato de as dissertações serem produzidas em uma situação de prova talvez contribua para a não constituição da subjetividade, já que o receio de “ousar demais” e não preencher as expectativas da banca examinadora é um fator a ser considerado.

As análises apontam para um aspecto fundamental na produção de um texto: a representação do interlocutor. Na verdade, as formações imaginárias, isto é, as representações que o locutor faz de si mesmo, do interlocutor e do objeto discursivo são de extrema relevância. Com efeito, é justamente este jogo de projeções que vai determinar a seleção e articulação dos argumentos (ou contra-argumentos) utilizados no texto.

Percebe-se que, nas redações, o interlocutor aparece representado ora como um **avaliador**, ora como um **leitor**. Para o primeiro interessariam as regras do jogo, para o segundo a construção de significados por meio do texto.

Se a imagem que o locutor tem do interlocutor é a primeira, a constituição da subjetividade está comprometida, já que esta imagem é, em grande parte, responsável pela consolidação de uma escrita homogênea.

A representação do interlocutor como avaliador ou como leitor é manifestada sobretudo naquilo que o aluno escolhe (ou não) explicitar em seu texto. No caso das dissertações analisadas, observa-se, por exemplo, que, em algumas, o interlocutor parece não ter acesso à coletânea, já que há quase uma reprodução dos fragmentos apresentados na prova. Desta forma, o que se torna relevante é comprovar ao interlocutor que há o domínio de uma forma, e não fazer do texto um espaço que possibilite a mobilização de sentido e a construção de significados.

Finalmente, podemos dizer que este trabalho aponta para a necessidade de se promover um ensino de escrita que possibilite a emergência da subjetividade. Há uma direção para que isso aconteça: trata-se de pensar a linguagem e os sujeitos na heterogeneidade, na incompletude, na alteridade. Em outras palavras, trata-se de aceitar o diferente, não apagar os conflitos, ainda que esta lição não esteja prevista em uma unidade do livro didático...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, N.F.G. do. (1996). *Clichês em Redações do Vestibular: Estratégias Discursivas*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP-IEL.
- ATHAYDE JÚNIOR, M.C. de. (2001). *Outras mesmas palavras: paráfrase discursiva em redações de concurso*. Cascavel: EDUNIOESTE.
- CAPPONI, M.G. (2000). *A Escrita na Escola: Apre(e)ndendo as regras do jogo*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL, UNICAMP.
- COSTA VAL, M.G. (1999). *Redação e Textualidade*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- DE LEMOS, C.T. (1977). G. Redações no Vestibular: algumas estratégias. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos 23*. Campinas, IEL/UNICAMP, pp.61-71.
- FIAD, R. (1997). O Estilo Escolar. In: *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, pp.195-204.
- KLEIMAN, A.B. (1997). Análise e Produção de Textos. In: *PEREIRA, M. T. G. (org) – Língua e Linguagem em Questão*. Rio de Janeiro: UERJ, pp.262-283.
- ORLANDI, E.P. (2001). *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4 ed. Campinas, SP: Pontes.
- PÉCORA, A. (1999). *Problemas de Redação*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- POSSENTI, S. (2001). Enunciação, autoria e estilo. In: *Revista da FAEBA, 15*. Salvador: pp.15-21.